

Declaração do Presidente Obama sobre a Síria

CASA BRANCA

31 de Agosto de 2013

O PRESIDENTE: Boa tarde a todos. Há dez dias, o mundo assistia estupefacto a homens, mulheres e crianças serem massacrados na Síria no pior ataque com armas químicas do século 21. Ontem os Estados Unidos apresentaram provas irrefutáveis de que o governo sírio foi responsável por esse ataque contra o seu próprio povo.

Os nossos serviços de inteligência mostram o regime de Assad e as suas forças preparando-se para usar armas químicas, lançando foguetes contra subúrbios densamente povoados de Damasco e reconhecendo que tinha ocorrido um ataque com armas químicas. Tudo isso confirma o que o mundo vê com toda a clareza – hospitais superlotados com vítimas; terríveis imagens de corpos sem vida. No total, foram assassinadas bem mais de mil pessoas. Várias centenas eram crianças – meninas e meninos envenenados com gás pelo seu próprio governo.

Trata-se de um atentado contra a dignidade humana. Além disso, representa um grave risco para a nossa segurança nacional. Ameaça levar ao ridículo a proibição global do uso de armas químicas. Põe em perigo os nossos amigos e parceiros ao longo das fronteiras da Síria, especificamente Israel, Jordânia, Turquia, Líbano e Iraque. Pode levar a uma escalada no uso de armas químicas, ou à sua proliferação entre grupos terroristas que iriam ferir nosso povo.

Num mundo cheio de perigos, esta ameaça tem de ser enfrentada.

Agora, após cuidadosa deliberação, decidi que os Estados Unidos devem agir militarmente contra alvos do regime sírio. Esta não seria uma intervenção de alcance indefinido. Os nossos soldados não pisariam território sírio. Ao contrário, a nossa acção seria projectada com duração e alcance definidos. Mas confio que assim podemos responsabilizar o regime de Assad pelo uso que fez de armas químicas, dissuadir esse tipo de acto e diminuir sua capacidade para o levar a cabo.

As nossas forças armadas já posicionaram recursos na região. O Chefe do Comando Conjunto do Estado Maior informou-me que estamos preparados para atacar no momento em que assim decidirmos. Além disso, informou-me que a nossa capacidade para executar esta missão não está limitada no tempo: estará efectiva amanhã, na próxima semana ou dentro de um mês. E estou preparado para dar essa ordem.

Contudo, após tomar a minha decisão como Comandante Supremo das Forças Armadas, com base naquilo que, estou seguro, corresponde aos nossos interesses de segurança nacional, estou igualmente atento ao facto de que sou presidente da mais antiga democracia constitucional do mundo. Há muito que acredito que o nosso poder tem raízes não só na força militar, mas também no nosso exemplo como governo do povo, pelo povo e

para o povo. E é por este motivo que tomei uma segunda decisão: pedir autorização para recorrer à força aos representantes do povo americano no Congresso.

Nos últimos dias, ouvimos membros do Congresso que querem que a sua voz seja ouvida. Eu concordo plenamente com eles. Assim, esta manhã, falei com os quatro líderes no Congresso, e concordamos marcar um debate seguido de votação logo que o Congresso se volte a reunir.

Nos próximos dias, o meu governo estará pronto para fornecer a todos os membros do Congresso as informações de que precisam para entender o que aconteceu na Síria e porque há implicações tão profundas para a segurança nacional dos Estados Unidos. Ao avançar nesse processo, todos nós temos de arcar com essa responsabilidade, e tal só pode ser alcançado pelo voto.

Confio nas provas que o nosso governo apresentou sem esperar pelos inspectores da ONU. Sinto-me à vontade para avançar sem aprovação do Conselho de Segurança das Nações Unidas que, até agora, está totalmente paralisado e renitente em responsabilizar Assad. Como resultado, muitas pessoas aconselharam a não levar a nossa decisão ao Congresso; certamente, foram influenciadas pelo que vimos acontecer no Reino Unido esta semana, quando o Parlamento do nosso aliado mais próximo se recusou a aprovar uma resolução com objectivo semelhante, embora o primeiro-ministro a apoiasse.

No entanto, embora eu creia que tenho autoridade para empreender esta acção militar sem autorização específica do Congresso, sei que o país ficará mais forte se tomarmos este rumo, e que assim a nossa acção será ainda mais eficaz. Devemos travar este debate, porque as questões em jogo são graves demais para um tratamento de praxe. E hoje de manhã John Boehner, Harry Reid, Nancy Pelosi e Mitch McConnell concordaram que é este o processo correcto na nossa democracia.

É raro um país enfrentar uma decisão tão grave como recorrer à força militar, ainda que de forma limitada. Respeito o ponto de vista daqueles que pedem cautela, sobretudo quando o nosso país está a sair de um período de guerra em que fui eleito em parte para lhe pôr fim. Mas, se de facto não quisermos tomar a acção exigida por uma atrocidade absolutamente execrável, teremos de levar em conta o preço de nossa inacção.

É isto que eu pergunto a todos os membros do Congresso e a todos os membros da comunidade global: que mensagem estaremos a enviar ao mundo se um ditador puder envenenar com gás centenas de crianças à luz do dia e não pagar por isso? Qual o propósito do sistema internacional que nós construímos se não se fizer valer a proibição do uso de armas químicas acordada pelos governos de 98 por cento dos povos do mundo e aprovada pela esmagadora maioria do Congresso dos Estados Unidos?

Que ninguém se iluda: as implicações deste facto não se limitam à guerra química. Se não atribuirmos responsabilidade por este acto hediondo, o que pensará o mundo da nossa determinação face àqueles que desprezam as normas internacionais básicas? Aos governos que decidem construir armas nucleares? Aos terroristas que propaguem armas biológicas? Aos exércitos que cometem genocídio?

Não podemos criar os nossos filhos num mundo onde não somos fiéis àquilo que dizemos, aos acordos que assinamos, aos valores com que nos identificamos.

Portanto, ao levar esta questão ao Congresso eu também levo esta mensagem ao mundo. Embora os investigadores da ONU ainda necessitem de algum tempo para apresentar as suas conclusões, vamos acentuar agora que uma atrocidade cometida com armas químicas não deve ser apenas investigada; deve ser enfrentada.

Não é minha expectativa que todos os países concordem com a decisão que tomamos. Em privado, já ouvimos dos nossos amigos numerosas manifestações de apoio. Mas peço àqueles que prezam o mandato da comunidade internacional que se posicionem publicamente a favor de nossa decisão.

Finalmente, permitam-me dizer isto ao povo americano: bem sei que estamos cansados de guerra. Acabamos uma guerra no Iraque. Estamos a acabar outra no Afeganistão. E o povo americano tem o bom senso de saber que não podemos resolver com a nossa força militar o conflito subjacente na Síria. Naquela parte do mundo, existem antigas diferenças sectárias e as esperanças da Primavera Árabe desencadearam forças de mudança que vão levar muitos anos para resolver. E é por isso que não consideramos a opção de colocar as nossas tropas no meio de uma guerra alheia.

Em vez disso, continuaremos a apoiar o povo da Síria com pressão sobre o regime de Assad, o nosso compromisso com a oposição, a nossa ajuda aos deslocados e a nossa busca de uma solução política que conduza a um governo capaz de respeitar a dignidade de seu povo.

Mas nós somos os Estados Unidos da América e não podemos nem devemos ignorar o que ocorreu em Damasco. Das cinzas de uma guerra mundial nós edificámos uma ordem internacional e adoptámos as normas que lhe dão sentido. Assim fizemos por acreditar que o direito dos indivíduos de viver em paz e dignidade depende das responsabilidades dos países. Não somos perfeitos, mas este país, mais do que qualquer outro, tem-se disposto a cumprir estas responsabilidades.

Assim, a todos os membros do Congresso e aos dois partidos eu peço este voto pela segurança nacional.guardo o debate com o maior interesse. E, enquanto isso, peço-vos a vocês, membros do Congresso, que considerem que certas coisas são mais importantes do que as divergências partidárias ou a política do momento.

Em última instância, não se trata de saber quem ocupa este cargo num dado momento; trata-se de saber quem somos enquanto nação. Creio que os representantes do povo devem assumir aquilo que os Estados Unidos fazem além de suas fronteiras, e que é hora de mostrar ao mundo que os Estados Unidos são fiéis aos seus compromissos. Nós fazemos o que dizemos. E lideramos acreditando que é o direito que faz a força – e não o contrário.

Todos sabemos que não existem alternativas fáceis. Mas eu não fui eleito para evitar decisões difíceis. Nem os membros do Congresso ou do Senado. Já lhes disse aquilo em que acredito – que a nossa segurança e os nossos valores nos proíbem de ignorar o massacre

de incontáveis civis com armas químicas. E a nossa democracia fica mais forte quando o presidente e os representantes do povo ficam lado a lado.

Estou pronto para agir diante dessa atrocidade. Neste dia, venho pedir ao Congresso que envie ao mundo a mensagem de que estamos prontos para avançar juntos como nação.

Muito obrigado.